

Alfredo Veiga-Neto:

Modos de ser e pensar
junto com **Michel Foucault**

Organizadores:
Clarice Salete Traversini
Elí Terezinha Henn Fabris
Haroldo de Resende
Sílvio Gallo

**Clarice Saete Traversini
Elí Terezinha Henn Fabris
Haroldo de Resende
Sílvio Gallo
(Organizadores)**

**Alfredo Veiga-Neto:
modos de ser e pensar junto
com Michel Foucault**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Clarice Salete Traversini; Elí Terezinha Henn Fabris; Haroldo de Resende; Sívio Gallo [Orgs.]

Alfredo Veiga-Neto: modos de ser e pensar junto com Michel Foucault. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 531p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-85-7993-894-8 [Impresso]

978-85-7993-895-5 [Digital]

1. Alfredo Veiga-Neto. 2. Michel Foucault. 3. Análise do Discurso. 4. Ler e pensar. 5. Homenagem. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

Rigor, afeto e generosidade: aprendizagens éticas com Alfredo Veiga-Neto

Rodrigo de Oliveira Azevedo*
Graciele Marjana Kraemer**
Cristianne Maria Famer Rocha***

Rigor, afeto e generosidade

Nesta breve escrita, fazemos um agradecimento a quem, por décadas, dedicou sua vida e seus investimentos acadêmicos na formação pedagógica, ética e política de profissionais envolvidos com a Educação. Alfredo Veiga-Neto é um professor e intelectual que pode ser lido como um ativista comprometido com o campo da Educação.

Um ativista que permanentemente nutre um “compromisso ético com os outros e consigo mesmo” (VEIGA-NETO, 2012, p. 273). Como ele bem destaca, esse compromisso ético do ativista está implicado “tanto [em] uma atitude de verdade e coerência consigo mesmo e nas relações que mantém com os outros, quanto [n]a sua permanente reflexão e contínuos reajustamentos que devem proceder em razão de um ininterrupto cotejamento entre os seus pensamentos e as suas ações” (VEIGA-NETO, 2012, p. 273). Portanto, trata-se de um ativista que nutre a atitude de verdade e coerência, constituindo em sua prática “um cotejamento que se dá pelo rebatimento constante entre o que é possível pensar e dizer sobre cada situação e o que é possível fazer com ela, contra ela, a favor dela etc.” (VEIGA-NETO, 2012, p. 273)

* Rodrigo de Oliveira Azevedo, Doutor em Educação, Técnico em Educação, Grupo Hospitalar Conceição.

** Graciele Marjana Kraemer, Doutora em Educação, Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*** Cristianne Maria Famer Rocha, Doutora em Educação, Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Alfredo Veiga-Neto ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no final da década de 1970, no Departamento de Genética, como professor assistente. Passou a professor adjunto em 1988, e a professor titular em 1993, por meio de Concurso Público de Títulos e Provas. Desde 1998, está aposentado, mas continuou suas atividades como professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Educação, ministrando disciplinas, orientando alunos e alunas de mestrado e doutorado e desenvolvendo pesquisas. Em sua trajetória acadêmica e profissional, entre tantas características que poderíamos citar, gostaríamos de destacar duas: o cuidado e a ética como princípio e forma de vida. Nessa condição, Alfredo Veiga-Neto contribui para “manter viva nossa indignação, nossa indignação e nossa crítica permanente e, desse modo, [ativar] nossa vontade de liberdade” (VEIGA-NETO, 2004, p. 13).

Em seus escritos, Alfredo Veiga-Neto observa que acumulou “experiência que lhe possibilita trazer alguma contribuição para quem está envolvido com a investigação e com a escrita em Educação” (VEIGA-NETO, 2014, p. 62). Sem a pretensão de estabelecer regras a serem obrigatoriamente seguidas, Alfredo Veiga-Neto organizou um conjunto de sugestões para aqueles que se propõem a desenvolver projetos de pesquisa em Educação. Ele recomenda que todo projeto de pesquisa em Educação seja: 1) escrito, preferencialmente, na primeira pessoa do singular quando se tratar de texto monoautoral, sempre atentando para “os mútuos envolvimento entre aquilo que se chama ‘a realidade do mundo’ e a descrição daquilo que se chama ‘a realidade do mundo’” (VEIGA-NETO, 2014, p. 64, grifos no original); 2) pertinente em termos de foco, autores utilizados e métodos empregados; e 3) simultaneamente, relevante, inédito e realizável ou, como na metáfora utilizada pelo autor, um projeto de pesquisa que apresente as propriedades de RIR (relevância, ineditismo e realizabilidade).

Como mencionamos anteriormente, essas são considerações sistematizadas pelo autor-professor-pesquisador. Mas e aqueles que,

em diferentes momentos, foram seus alunos: como analisam – ou percebem – o seu processo pedagógico, sobretudo em relação à formação de docentes e pesquisadores? Quais saberes Alfredo Veiga-Neto mobiliza/mobilizou? Quais tecnologias utiliza/utilizou?

Neste texto, ao elencarmos como objeto de análise as nossas experiências na condição de alunos, depois orientandos, mas também colegas de Alfredo Veiga-Neto, objetivamos apresentar breves aspectos de nossa formação, permeada pelas aulas, orientações e escritas produzidas e organizadas com e por ele, no processo de constituirmo-nos como docentes, pesquisadores e, sobretudo, pessoas atentas aos processos de assujeitamento, disciplinamento e controle que moldam (e, por vezes, assombram) nossa contemporaneidade. Em função do limite de espaço reservado a este texto e do propósito de realizarmos apenas uma singela – mas sincera – homenagem, não temos a pretensão de descrever a totalidade de nossas experiências, analisando-as de forma detalhada e/ou aprofundada (mesmo porque tal empreendimento seria impossível). Desejamos somente reunir algumas lições que, em termos afetivos, compreendem aspectos éticos por nós assumidos em nossa atuação profissional.

Organizamos este texto, a partir da introdução, em três seções. Na sequência, discorremos sobre nossa constituição como professores e pesquisadores, considerando alguns conceitos desenvolvidos por Michel Foucault, um autor que nos foi, em nossos inúmeros encontros, apresentado por Alfredo Veiga-Neto e com ele lido, traduzido e discutido. Em seguida, destacamos a organização e condução do grupo enquanto tecnologia de trabalho acadêmico. Nessa forma de organização, entendemos que é mobilizado um modo de vida na academia, sustentado no tripé: rigor, afeto e generosidade. Por fim, enfatizamos nosso agradecimento público pelas pesquisas, publicações, estudos e afetos partilhados por Alfredo Veiga-Neto nestas décadas em que nos oportunizou ampliar os exercícios de pensamento e nos instigou a pensar diferentemente de como pensávamos.

Como nos constituímos professores e investigadores: das aprendizagens éticas com Alfredo Veiga-Neto

A generosidade acadêmica do professor e pesquisador Alfredo Veiga-Neto é uma característica peculiar de seu modo de ser e pesquisar. Alfredo Veiga-Neto é daqueles professores que se distinguem tanto nos diálogos partilhados em um café, antes das aulas, quanto em suas aulas, lotadas de estudantes ocupando todos os espaços possíveis (inclusive o chão) para acompanharem suas reflexões e ensinamentos. Em sua trajetória investigativa, fez de Michel Foucault um autor mobilizador de seu pensamento. No uso de algumas das ferramentas teórico-metodológicas foucaultianas, Alfredo Veiga-Neto levou-nos a analisar o presente (a partir da compreensão do passado), a problematizar a Educação e outras áreas do conhecimento e a subsidiar, com seus escritos, a produção de incontáveis pesquisas acadêmicas, inspiradas no seu fazer e pensar.

Alfredo Veiga-Neto, em suas aulas, ressalta o cuidado com a forma pela qual Michel Foucault conduziu suas análises, lembrando que, após 25 anos, o objetivo dos estudos do autor francês se centrara na busca por “esboçar uma história das diferentes maneiras nas quais os homens, em nossa cultura, elaboram um saber sobre eles mesmos: a economia, a biologia, a psiquiatria, a medicina e a criminologia” (FOUCAULT, 1988, s.p.). Para tal, “o essencial não é tomar esse saber e nele acreditar piamente, mas analisar essas pretensas ciências como outros tantos ‘jogos de verdade’, que são colocadas como técnicas específicas dos quais os homens se utilizam para compreenderem aquilo que são” (FOUCAULT, 1988, s.p., grifos no original).

Segundo Foucault, essas técnicas poderiam ser classificadas em quatro grandes grupos, e cada grupo representaria uma matriz de razão prática. Assim, teríamos as técnicas de: 1) produção; 2) sistemas de signos; 3) poder ou dominação; e 4) si mesmo. Raramente, no entanto, seria possível observar alguma dessas técnicas funcionando isoladamente, pois cada uma delas estaria associada a uma determinada forma de dominação. Como Michel Foucault ressalta, “cada um desses tipos implica em certos modos

de educação e de transformação dos indivíduos, na medida em que se trata não somente, evidentemente, de adquirir certas aptidões, mas também de adquirir certas atitudes” (FOUCAULT, 1988, s.p.).

Ainda conforme as palavras de Foucault, os últimos dois tipos de técnicas — as de poder ou dominação e as de si mesmo — foram os que, nos transcorrer dos anos, concentraram especialmente a sua atenção. Nesse envolvimento analítico, Foucault denomina de *governamentalidade* esse encontro — ou funcionamento articulado — das técnicas de dominação ou poder exercidas sobre os outros e as técnicas de si mesmo.

Edgardo Castro (2009), por sua vez, compreende que Foucault se dedicou a estudar *práticas*, que são caracterizadas “pela regularidade e pela racionalidade que acompanham os modos de fazer” (p. 412) e poderiam constituir-se como objetivos de análise justamente a partir desses elementos, ou seja, das suas regularidades e das suas racionalidades. Nesse contexto, “os termos ‘técnica’ e ‘tecnologia’ agregam à ideia de prática os conceitos de estratégia e tática. Com efeito, estudar práticas como técnicas ou tecnologia consiste em situá-los em um campo que se define pela relação entre meios (táticas) e fins (estratégia)” (CASTRO, 2009, p. 412,).

Em outras palavras, poder-se-ia afirmar que as *técnicas* ou as *tecnologias* seriam as táticas desenvolvidas, ou melhor, que foram se desenvolvendo — construindo, elaborando, forjando —, em cada época ou por cada saber específico, para produzir determinados modos de ser sujeito. Tais reflexões — marcadamente diferentes de tantas outras que nos constituíram como sujeitos modernos, centrados em si — são algumas das razões pelas quais Alfredo Veiga-Neto instiga e agrega, em suas aulas, cursos e pesquisas, um amplo contingente de espectadores. Para Alfredo Veiga-Neto, “uma analítica do sujeito, seja qual for a adjetivação que se atribua a esse sujeito — pedagógico, epistêmico, econômico —, não pode partir do próprio sujeito. É preciso, então, tentar cercá-lo e examinar as camadas que o envolvem e que o constituem” (VEIGA-NETO, 2004, p. 138). Essas camadas são constituídas por

“práticas discursivas e não discursivas, os variados saberes, que, uma vez descritos e problematizados, poderão revelar quem é esse sujeito, como ele chegou a ser o que dizemos que ele é e como se engendrou historicamente tudo isso que dizemos dele” (VEIGA-NETO, 2004, p. 138).

Nos estudos que Alfredo Veiga-Neto organiza — sistematicamente revisitados, aperfeiçoados e detalhadamente inscritos em um contexto histórico e político específico, além de conceitualmente aprofundados —, sobressai o rigor metodológico. A afiliação teórico-metodológica e pedagógica por ele assumida constitui o vértice de sua própria condução da conduta — um professor e intelectual “sempre interessado pelos aspectos formais, editoriais, linguísticos, políticos e éticos, envolvidos com a escrita científica, no campo das Ciências Humanas e, em especial, da Educação” (VEIGA-NETO, 2020, p. 17).

Sob esse prisma, a forma como Alfredo Veiga-Neto chegou a ser o que dizemos que ele é e como articulou tudo isso instiga-nos e mobiliza-nos a pensar em nossa própria prática de pesquisa e docência. Apoiados por essa forma de vida, descrevemos, a seguir, algumas das práticas e saberes que Alfredo Veiga-Neto mobiliza para produzir sujeitos investigadores.

O grupo como tecnologia de trabalho

Em termos normativos, a orientação de estudantes em programas de pós-graduação *stricto sensu* configura-se atribuição dos respectivos professores/orientadores. No Regimento do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS (2015), prevê-se, para o ingresso de acadêmicos, a condição de orientação dos professores vinculados ao Programa, e incentiva-se que o percurso formativo seja organizado a partir das indicações e dos diálogos estabelecidos entre os acadêmicos e seu respectivo orientador.

Nesse sentido, Alfredo Veiga-Neto adota, como forma de trabalho, processos de orientação organizados e estruturados sob uma perspectiva coletiva. O grupo constitui a tecnologia prioritariamente utilizada, e as orientações são de todos para todos

que dele participam. Os projetos, as dissertações e as teses dos orientandos não são lidos apenas pelo orientador, mas pelo coletivo que a ele se vincula, de maneira ética, responsável e, sobretudo, cuidadosa de uns para com os outros. Previamente às reuniões, estabelecidas em calendários anuais ou semestrais, todos aqueles que participam do grupo de orientação têm o compromisso de ler as produções dos pares e de contribuir, na medida do possível, para a qualificação dos trabalhos em construção. A revisão coletiva dos textos no grupo de orientação é um modo de organizar o trabalho, com base no princípio de reciprocidade coletiva. Com isso, todos aqueles em formação *stricto sensu* estão vinculados a um conjunto de compromissos, uma maneira de constituir a responsabilidade coletiva e solidária, de reforçar a reciprocidade no grupo e de materializar o trabalho em equipe.

Em cada encontro, um trabalho é analisado, e são dadas sugestões para a qualificação da produção lida e analisada. As propostas podem envolver contribuições teóricas ou metodológicas, a serem incorporadas ou modificadas no documento, mas também outras formas de colaboração, como a indicação de disciplinas a serem cursadas, de filmes a serem vistos, de músicas a serem ouvidas, entre outras inúmeras sugestões possíveis. Evidentemente, durante os debates, se houver a necessidade de intermediação devido à existência de sugestões muito distintas ou mesmo contraditórias, Alfredo Veiga-Neto encaminha a situação conforme o que avalia ser mais adequado. Trata-se, assim, de um compromisso com o rigor da pesquisa e de um cuidado ético para com aqueles por ele orientados, o que é permeado pela generosidade afetiva que instiga e respeita a partilha como fundamental para o trabalho no (e do) coletivo.

A partir disso, a organização e a orientação do grupo de pesquisa como tecnologia para o desenvolvimento dos processos de orientação produzem efeitos. Dentre os principais, destacamos: 1) cumprimento dos prazos coletivamente acertados, o que implica o envio das produções textuais com antecedência agendada, para que o cronograma de reuniões não seja prejudicado e para que as

leituras não precisem ser efetuadas concomitantemente (ou, pior, de forma urgente e atabalhoada); 2) estruturação argumentativa crítica, o que requer adentrar na pesquisa dos outros colegas, estudar as proposições feitas e trazer argumentos metodologicamente alinhados à perspectiva teórica assumida, à temática e ao foco da análise desenvolvida; 3) qualificação dos trabalhos devido à ampliação do número de pessoas e à diversificação dos olhares que os analisam; 4) um processo formativo qualificado pela abrangência de temáticas estudadas no compromisso coletivo de leitura e análise das propostas que circulam no grupo; 5) o exercício do trabalho coletivo e da análise criteriosa dos projetos dos pares; e 6) necessidade de exercitar o convívio coletivo e desenvolver formas de mediação dos conflitos para que o trabalho conjunto não se inviabilize.

O envolvimento coletivo na produção da pesquisa e no aprofundamento conceitual configura um modo de trabalho peculiar de Alfredo Veiga-Neto, qual seja: o rigor metodológico e analítico que o espaço acadêmico deve fomentar. Para tal, empenham-se estudos de aprofundamento, fazem-se exercícios de diálogo metodológico, e acionam-se estratégias teórico-conceituais de análise dos dados de pesquisa. Esse movimento mobiliza um modo de vida na academia, sustentado no tripé: rigor, afeto e generosidade.

Esse tripé fundamenta-se na confiança, na cumplicidade crítica e no respeito mútuo, valores cuidadosamente cultivados pelo grupo de trabalho e desenvolvidos no exercício da hipercrítica, provocada por Alfredo Veiga-Neto, por cada um que o acompanha. Foucault (2006) indica que a crítica “consiste em desentocar o pensamento e em ensaiar a mudança; mostrar que as coisas não são tão evidentes quanto se crê, fazer de forma que isso que se aceita como vigente em si não o seja mais em si” (p. 180). Nesse sentido, Alfredo Veiga-Neto compreende que, “quanto mais radical for a crítica, mais efetiva ela será e, conseqüentemente, mais mudanças – no mundo e em nós mesmos – poderemos promover, apoiados nela e por ela energizados” (VEIGA-NETO, 2020, p. 31).

Na esteira da crítica radical, mudamos nossa forma de compreender o mundo, as práticas que nele são operadas e as engrenagens que estruturam formas de condução das condutas. Alfredo Veiga-Neto não apenas nos inscreve em uma perspectiva filosófica, não somente nos apresenta Michel Foucault e nos instiga a compreendê-lo, assim como a tantos outros teóricos que colocam em suspenso certas verdades historicamente instituídas. Ele nos mobiliza a pensar a pesquisa sob um enfoque criterioso e sugestivo. Trata-se de um professor, divulgador, intérprete e tradutor que organiza seus escritos “como piezas musicales, como sonatas: tienen su introducción, exposición, desarrollo, recapitulación y coda. Esa estructura musical es parte de su gesto pedagógico, que el lector fácilmente apreciará en sus textos” (NOGUERA-RAMÍREZ, 2017, p. 10).

Mobilizados pelas palavras de admiração e de amizade de Carlos Noguera-Ramírez para Alfredo Veiga-Neto, seguimos para o fechamento deste texto, para nele registrar nossa gratidão e admiração à Alfredo Veiga-Neto.

É preciso agradecer

A amizade (...) [é] a afirmação de existências livres. Os amigos vivem pelas suas diferenças. Não são espelhos para os outros, identidade coletiva ou ideal, fusão numa unidade superior. Os amigos livres são seus principais inimigos, não deixam as coisas sossegadas, como se houvesse um patamar acima a ser atingido onde residem o equilíbrio, a doçura e as delicadezas obrigatórias. (PASSETTI, 2003, p. 12).

É preciso agradecer a Alfredo Veiga-Neto pela amizade, pela sinceridade, pela honestidade, pelo rigor e, sobretudo, por um dos maiores ensinamentos que nos deu e seguirá nos dando: sua defesa intransigente de nossa necessária capacidade de questionar, desconfiar, duvidar e, assim, pensar com liberdade.

Ensinar e aprender na amizade e na liberdade, seguindo Jorge Larrosa (1998), em analogia com a leitura de um texto, implica envolver-se, comprometer-se, sem procurar respostas consensuais,

mas sendo capazes de seguir perguntando, indagando, sabendo que a única resposta que se pode buscar é “a responsabilidade pela pergunta” (p. 177). *Aprender com*, por isto, não nos deve levar à homogeneidade do pensar ou do saber, mas à pluralidade do aprender, congregando pessoas que se coloquem a pensar com, ou contra ou a partir de. Alfredo Veiga-Neto incentivou-nos – e segue nos incentivando – a ler e a pensar o mundo a partir dessa perspectiva. Somos gratos a ele também por esta lição que nos deu.

Agradecemos também por ensinar-nos, com Foucault (2013), a buscar viver uma vida não fascista, contrária a todas as formas de autoritarismo que nos aprisionam e diminuem nossa potência de vida:

- Liberem a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante;
- Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, mais do que pela subdivisão e hierarquização piramidal;
- Liberem-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna), que o pensamento ocidental há muito tempo sacralizou como forma do poder e modo de acesso à realidade. Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os arranjos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade;
- Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É o liame do desejo à realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária;
- Não utilizem o pensamento para dar a uma prática política um valor de verdade; nem a ação política para desacreditar um pensamento, como se ela só fosse pura especulação. Utilizem a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como um multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política;
- Não exijam da ação política que restabeleça os “direitos” do indivíduo, tais quais a filosofia os definiu. O indivíduo é o produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação e pelo deslocamento dos diversos arranjos. O grupo não deve ser o liame orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”;
- Não caiam apaixonados pelo poder. (p.105-106).

Por isso – e muito mais –, agradecer a Alfredo Veiga-Neto implica resgatar partes de seu legado e compromisso com a Educação, assim como seu estímulo a fazer-nos pensar de outros modos e a constituirmo-nos como sujeitos comprometidos com a vida em liberdade. Alfredo Veiga-Neto salienta aos que estão implicados com a Educação que é necessário “desconfiar das bases sobre as quais se assentam as promessas e as esperanças nas quais nos ensinam a acreditar. Tudo indica que devemos sair dessas bases para, de fora, examiná-las e criticá-las” (VEIGA-NETO, 2002, p. 23). Examinar, de fora, as bases sobre as quais estão inscritas as promessas e as esperanças implica um compromisso ético e político de todos aqueles que estão envolvidos com a Educação, pois “temos o compromisso não apenas com nós mesmos mas, também e por ofício, com ou ‘sobre’ aqueles com os quais trabalhamos” (VEIGA-NETO, 2002, p. 23).

Professor, intelectual, tradutor, amigo, colega, Alfredo Veiga-Neto mobiliza formas de vida que acreditam no compromisso de uma Educação atenta aos efeitos de verdade historicamente instituídos. Ele nos instiga a assumir coletivamente a responsabilidade acadêmica e política por questões que envolvem a humanidade. Ao reiteradamente escrever sobre esse compromisso, propicia-nos a compreensão da complexidade conceitual e metodológica da pesquisa acadêmica. Nosso muito obrigado, a este incansável professor, pelos inúmeros ensinamentos que nos dá, nos deu e seguirá nos dando. Fazendo uso do “Tratado da Gratidão”, de São Tomás de Aquino (*apud* NÓVOA, 2021), comprometemo-nos e “obrigamo-nos” a seguir divulgando e desfrutando do tripé que construiu em sua vida profissional: rigor, afeto e generosidade.

Referências

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, Michel. As Técnicas de Si, 1988. Disponível em: <https://evolucaocriadora.blogspot.com/2009/11/as-tecnicas-de-si-michel-foucault.html>. Acesso em: 27 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. É importante pensar? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV** (1980-1988). Paris: Gallimard, 2006, p. 178-182.

FOUCAULT, Michel. Prefácio (*Anti-édipo*). In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos VI**: Repensar a política. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 103-106.

LARROSA, Jorge. Sobre a lição: ou do ensinar e do aprender na amizade e na liberdade. In: LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: Danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Rev. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Contrabando, 1998, p.173-183.

NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. Prólogo. Strange Fruit. In: NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto (Compilador). **Alfredo Veiga-Neto y los estudios foucaultianos en Educación**. 1 ed. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2018, p. 7-12.

NÓVOA, António. **Obrigado**. Vídeo (3 min). Publicado no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJ7F49KbocM>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

PASSETTI, E. **Éticas dos amigos**: invenções libertárias da vida. São Paulo: Imaginário, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. FACULDADE DE EDUCAÇÃO. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Regimento**. 2015. Disponível em: https://www.ufrgs.br/ppgedu/arquivos/Regimento_2015.pdf. Acesso em: 27 nov. 201.

VEIGA-NETO. Anotações sobre a escrita. In: OLIVEIRA, A.; ARAÚJO, E. & BIANCHETTI, L. (eds.). **Formação do Investigador: reflexões em torno da escrita/pesquisa/autoria e a orientação**. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, e Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014, p. 62-73.

VEIGA-NETO, Alfredo. A Hipercrítica: mais uma volta no parafuso IV. In: **Momento: Diálogos em Educação**. v. 29, n. 1, p. 16-35; Jan./Abr., 2020.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 17, n. 50, p. 267-282, mai-ago/2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000200002>

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro. Petrópolis: DP&A, 2002, p. 23-38.